

## Estratégia Organizacional e Inovação

CENÁRIOS DA ECONOMIA GLOBAL.  
UMA VISÃO CRÍTICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**Resumo:** Este trabalho investiga como a **globalização** pode influenciar o uso do dólar como a principal moeda padrão de troca no **sistema internacional** nos próximos dez anos. O estudo parte da premissa de que as **relações de poder** atuais são fortemente moldadas pela hegemonia econômica e política dos Estados Unidos e outras potências, que, por meio de mecanismos como a diplomacia coercitiva e o controle de instituições globais, buscam manter o status quo. A análise considera as pressões que podem emergir de potências regionais e acordos econômicos, que, se bem-sucedidos, poderiam desafiar o domínio do dólar e fomentar um ambiente mais multipolar. Utilizando a teoria crítica de relações internacionais, a pesquisa questiona as narrativas predominantes e sugere que o sistema econômico global está em um ponto de inflexão. A metodologia adotada inclui o uso do método **intuitivo lógico**, que combina análise de dados e desenvolvimento de cenários para prever possíveis mudanças na estrutura de poder global. O estudo também explora o papel das moedas como ferramentas de poder e como a confiança na moeda americana pode ser abalada por crises econômicas, **tensões geopolíticas** e o crescente uso de moedas digitais. Finalmente, o estudo sugere que a próxima década será crucial para determinar se o dólar continuará a ser a moeda de reserva global ou se novas dinâmicas emergirão para desafiar essa posição.

**Palavras-chave:** globalização, sistema internacional, relações de poder, intuitivo lógico, tensões geopolíticas.

**Abstract:** This study investigates how **globalization** might influence the use of the dollar as the main standard currency for exchange in the **international system** over the next ten years. The research is based on the premise that current **power relations** are strongly shaped by the economic and political hegemony of the United States, which, through mechanisms such as coercive diplomacy and control of global financial institutions, seeks to maintain the status quo. The analysis considers the pressures that may arise from regional powers and economic agreements, which, if successful, could challenge the dominance of the dollar and foster a more multipolar environment. Using critical theory of international relations, the research questions dominant narratives and suggests that the global economic system is at a turning point. The methodology adopted includes the use of the **intuitive logical** method, which combines data analysis and scenario development to predict potential changes in the global power structure. The study also explores the role of currencies as tools of power and how confidence in the American currency may be undermined by economic crises, **geopolitical tensions**, and the growing use of digital currencies. Finally, this research suggests that the next decade will be crucial in determining whether the dollar will continue to be the global reserve currency or if new dynamics will emerge to challenge this position.

**Keywords:** globalization, international system, power relations, intuitive logical, geopolitical tensions.

No cenário global em constante mudança do século XXI, as relações internacionais são moldadas por uma interligação cada vez mais profunda entre os aspectos econômicos e financeiros do mundo (Lagarde, 2019). Em meio a essa complexa teia de interações, a escolha de uma moeda padrão de troca emerge como um dos elementos fundamentais que moldam a dinâmica econômica e política entre as nações e mediam as relações. Nesse contexto, o uso do dólar americano como moeda de referência tem sido uma característica notável e, muitas vezes, questionada.

Nota-se nas últimas décadas uma ascensão de economias antes marginalizadas. O aumento de seus poderes econômicos e políticos podem ser percebidos pela força de suas influências, ao passo que os países desenvolvidos avançaram suas produções na velocidade da tecnologia, aqueles que estão em desenvolvimento continuam sendo fornecedores de commodities e outros tipos de produção que sustentam o avanço das economias mais pujantes. Logo, esse processo justifica uma descentralização do poder (Cox, 1987) permitindo uma maior participação do Sul global nas pautas internacionais, inclusive uma coesão para adoção de regras e/ou moedas que fujam do sistema atual atrelado ao dólar americano.

Adicionalmente, foi através da globalização que os avanços nessas diferentes economias aconteceram, o que possibilitou o intercâmbio de tecnologias e necessidades para que, ainda que extremamente desigual, os países avançassem juntos em pautas diferentes. Essa integração econômica global oportunizou a participação dos países em desenvolvimento nas dinâmicas internacionais, contribuindo para um maior equilíbrio de poder (Wallerstein, 1974). Portanto, também possibilitou que essas economias unissem contra as injustiças globais de distribuição de riquezas e da influência pró-sistema das instituições internacionais, assim como a moeda.

Este trabalho tem como objetivo explorar **de que maneira a globalização pode afetar o uso do dólar como uma moeda padrão de troca nos próximos 10 anos**, entendendo o cenário atual do globo, os principais *drivers de mudança* e as tendências. Especificamente, esta investigação aborda a questão da moeda como uma escolha arbitrária, determinada pelos atores hegemônicos do momento, e como ela retroalimenta seu próprio poder. Assim sendo, a aplicação da metodologia intuitiva-lógica do *scenario planning*, torna-se essencial para que se possa ensaiar sobre as mudanças e identificar os riscos e oportunidades futuras.

Buscando lançar luz sobre as dinâmicas globais em relação à moeda padrão, este estudo examina como o modelo atual de uso do dólar como âncora monetária global poderá ser afetado e impactado pelas mudanças do contexto da próxima década. Além disso, reconhecendo que o dinheiro é utilizado como implemento de autoridade, através de sanções e o comércio internacional para promover estrategicamente os interesses políticos e econômicos dos países, a abordagem descritiva adotada combina a análise de eventos subjetivos com a explicação de padrões, proporcionando uma compreensão mais profunda dessas dinâmicas de poder.

Para tanto, a metodologia de cenários vem para este estudo como uma ferramenta essencial para que se possa identificar os padrões e elementos certos deste contexto (Schwartz, 1991). Analisar as possíveis intenções de cada um dos atores envolvidos, as tomadas de decisões possíveis e as consequências destas, isso para diferentes perspectivas através de uma abordagem prospectiva e

explanatória. Como resultado deste processo criativo e estrutural (Heijden, 2005), diferentes futuros são previstos e importantes variáveis do presente são identificadas e explicadas.

Inspirados pela Escola de Frankfurt, teóricos críticos como Adorno, Horkheimer e Marcuse examinam como a globalização conduz à commodificação da cultura, exacerbando desigualdades econômicas e influenciando a formação de identidades (Adorno & Horkheimer, 1944; Marcuse, 1964). Stuart Hall, por sua vez, contribui com insights sobre como a globalização, especialmente na era da cultura de massa, molda representações culturais globais e sua impactante interação com identidades locais (Hall, 2014). Bauman e Harvey, embora não estritamente vinculados à Escola de Frankfurt, enriquecem a análise crítica ao explorar as nuances da modernidade líquida e as implicações do neoliberalismo na globalização econômica (Bauman, 2000; Harvey, 2005). Esses teóricos, cada um à sua maneira, oferecem ferramentas conceituais para desvelar os aspectos complexos e muitas vezes opressivos da globalização, enquanto Habermas sugere a importância de espaços democráticos para a resistência emancipatória nesse contexto (1984).

O dinheiro nesse cenário é uma ferramenta importantíssima na manutenção dessa organização, de modo que o mundo funciona através de uma exploração, sendo que parte do globo busca pela emancipação (Habermas, 1981). Essa emancipação, na perspectiva da teoria crítica, é um processo intrinsecamente ligado à formação de uma esfera pública deliberativa, na qual os indivíduos podem alcançar uma compreensão mútua e participar ativamente na tomada de decisões políticas. Apesar dessa teoria ter um enfoque nas características políticas e sociais, os autores perpassam por características econômicas intrínsecas na sociedade, com entendimento dos estudos de Marx e crítica ao capitalismo. Alguns autores, como Marcuse (1982), exploraram a relação entre o ser humano e o capitalismo, elaborando conceitos sobre o sistema econômico internacional. Ele destaca que o modo de vida capitalista influencia a emancipação e a liberdade, moldando não apenas as esferas econômica, social, política, cultural e tecnológica, mas também a subjetividade humana, particularmente através da produção do desejo inconsciente. Além disso, Marcuse (2001) relaciona a subjetividade com o pensamento freudiano, abordando como a lógica do capitalismo afeta a psique. Ele observa que, apesar das previsões de Marx (1848) sobre a revolução proletária como meio de transformar as relações de produção e criar uma ordem social sem classes, essas revoluções fracassaram. Utilizando conceitos de Freud, como as pulsões de Eros e Tanatos (Freud, 1920), para entender como a subjetividade é manipulada pelo capitalismo, ele argumenta que a dominação não é apenas econômica e política, mas também intrapsíquica, com a produção de uma subjetividade que favorece o domínio do capital. Assim sendo, há todo um trabalho feito em cima da subjetividade coletiva, que pode ser entendido da seguinte maneira: partindo do pressuposto que nossas pulsões vivem em função do prazer e que elas, para que não destruam a nós mesmos e ao outro, necessitam se submeter às coibições culturais, buscando, sobretudo, o prazer.

Todavia, focando os estudos na esfera internacional troca-se o termo prazer por poder, sobre a necessidade de sobrevivência do Estado hegemônico e sua estratégia de dominação dos mais fracos, a fim de garantir o *status quo* e abafar qualquer tentativa de revolução. Outro autor do grupo que tratou desse processo foi Theodor Adorno (1947), que em sua análise crítica da sociedade, destaca a interconexão entre o capitalismo, a economia e essa estratégia de subversão.

Adorno argumenta que o sistema capitalista não apenas perpetua desigualdades econômicas, mas também serve como uma ferramenta sutil de dominação, moldando valores culturais e persistindo com estruturas de poder que beneficiam as nações preeminentes. Posto isso, o sistema atual de uma moeda basilar das transações, possibilita essa dominação e impediria as revoluções. Porém, a desconstrução dos moldes atuais desse sistema, união dos interessados e maior participação dos marginalizados, é perceptível que essa potência concentrada na moeda americana está sendo questionada, abrindo espaço à convulsão do que se percebe hoje como natural. A emancipação e criação de novas instituições, associando isso à maior influência que os emergentes podem exercer no coletivo, podemos perceber que o sistema capitalista possibilita sim uma mudança e questionamento do contexto estabelecido.

Por fim, lembrando de mais um autor, que apesar de não ser um teórico crítico clássico é conhecido por suas análises críticas do capitalismo contemporâneo, Wolfgang Streeck traz uma elucidação interessante sobre essa mudança do sistema associando à uma possível crise do sistema capitalista. O autor, especialmente em "*How Will Capitalism End?*", oferece esses insights essenciais sobre o futuro do sistema econômico global. Sua abordagem interdisciplinar e reflexões sobre os limites do modelo capitalista ganham relevância ao examinarmos as transformações estruturais diante da crescente influência dos países emergentes. Nesse contexto, as ideias de Streeck proporcionam uma compreensão valiosa das complexidades e implicações do questionamento das potências hegemônicas, contribuindo para uma avaliação mais profunda das mudanças em curso no cenário global (Streeck, 2016).

Percebe-se assim, que a associação da metodologia de cenários, mais especificamente do método intuitivo lógico (Wack, 1985), com os teóricos críticos é tão proveitosa, vide que conseguem equilibrar fatores materiais e subjetivos em suas dissertações. Além disso, o dólar como uma moeda hegemônica não representa apenas relações econômicas, mas também relações de poder e dominação de outras nações, fazendo parte de uma estrutura do sistema atual que privilegia a manutenção do *status-quo* (Marx, 1853). Desse modo, a teoria crítica é capaz de incluir no estudo os fatores que envolvem a tomada de decisão e não são quantificáveis, como incertezas humanas, poder, aspirações e cruzamento de interesses. Os cenários são cruciais para desenvolver abordagens que considerem múltiplas possibilidades futuras. Esta teoria permite explorar diferentes trajetórias que o capitalismo pode seguir, levando em conta variáveis como políticas econômicas, inovações tecnológicas e mudanças nas relações internacionais. Combinada com o método intuitivo lógico, que envolve uma análise estruturada e racional dos fatores em jogo, essa abordagem oferece uma visão mais holística e informada sobre como o dólar poderá ser influenciado. Os próximos 10 anos provavelmente testemunharão uma interação complexa entre fatores econômicos, sociais e políticos, e é através de metodologias como essas que podemos anteciper e preparar-nos para os desafios e oportunidades que o futuro reservará ao capitalismo e ao papel do dólar como moeda global.

Em síntese, a aplicação da teoria de cenários e do método intuitivo lógico para compreender o futuro do capitalismo e o papel do dólar nos próximos 10 anos está alinhada com os princípios da teoria crítica das relações internacionais. Ao adotar uma abordagem crítica, objetiva-se desvendar as estruturas subjacentes que moldam os eventos globais, questionando relações de poder e hegemonia

econômica. A análise prospectiva oferecida por essas metodologias não apenas examina os possíveis desdobramentos do sistema capitalista e da moeda dominante, mas também permite uma reflexão profunda sobre as implicações sociais, políticas e éticas desses desenvolvimentos. Assim, ao integrar teorias críticas com metodologias inovadoras, podemos avançar na compreensão das dinâmicas internacionais contemporâneas e contribuir para uma análise mais informada e engajada das relações internacionais no século XXI.

Desse modo, a indagação central desta pesquisa foca na complexidade da globalização sob a lente crítica da teoria, considerando-a um fenômeno multifacetado que transcende dimensões econômicas, políticas e culturais. Inspirados pela Escola de Frankfurt, teóricos críticos como Adorno, Horkheimer e Marcuse examinam como a globalização conduz à commodificação da cultura, exacerbando desigualdades econômicas e influenciando a formação de identidades (Adorno & Horkheimer, 1944; Marcuse, 1964). Stuart Hall, por sua vez, contribui com insights sobre como a globalização, especialmente na era da cultura de massa, molda representações culturais globais e sua impactante interação com identidades locais (Hall, 1991). Ao compreender a globalização como um fenômeno entrelaçado com estruturas de poder e relações sociais, buscando analisar criticamente o sistema internacional de poder e as perspectivas para a próxima década.

Com objetivo de elaborá-las, o método intuitivo lógico tem seu fundamento pautado na observação e elaboração de cenários lógicos com diferentes níveis de possibilidade (Wack, 1985), para que possam ser identificados os fatores chaves de mudança e pontos de influência do tema. Sua abordagem busca analisar as estruturas de poder e dominação no sistema internacional, questionando as relações de poder existentes e buscando formas de resistência e transformação. Portanto a análise dos documentos, discursos de autoridades e principalmente da literatura acadêmica, identificando os pontos de interseção com a literatura crítica das Relações Internacionais.

Apesar deste método e do uso de elaboração de cenários ser muito utilizado em contextos empresariais (Schwartz, 1996), ele pode ser muito bem aplicado em temas de relações internacionais, para entender os rumos de proposição de poder nos pontos de contato das nações. Como Joseph Nye fez em "*Soft Power: The Means to Success in World Politics*" (2004) para explicar o conceito de *soft power*, incluindo o uso da moeda como ferramenta de influência internacional, sendo base deste estudo, que analisando os discursos de autoridades dos países, assim como as propostas das instituições internacionais criadas a fim de equilibrar a balança de poder. Organizações como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial desempenham um papel importante na regulação e estabilização do sistema financeiro global, assim como os acordos regionais que promovem trocas independentes dos grandes players, sendo fator poderoso na mudança dos arranjos internacionais (Stallings, 2000).

Logo, o entendimento do cenário passa por compreender as orientações não só das instituições, mas também dos acordos realizados pelos países que buscam a emancipação das relações controladoras dos países preponderantes. Assim, os emergentes promovem o desafio da mudança de cenários, somando forças questionadoras à coalizão dominante do sistema internacional em temas também além do econômico, como segurança e governança (Hurrell, 1995). Esses temas são instrumentos financeiros também, ao passo que moldam as relações comerciais e

de trocas, promovendo o desenvolvimento seletivo de nações que se adequem aos interesses da diplomacia coercitiva dos Estados Unidos, por exemplo (Art, 2003).

E para construir estes futuros possíveis, a pesquisa se baseia em uma abordagem de macroanálise, adotando uma perspectiva da teoria crítica para compreender a complexa relação entre moeda, poder e globalização. Parte do pressuposto de que o dinheiro não é apenas uma entidade material, mas também um instrumento subjetivo de exercício de domínio, utilizada tanto por atores estatais quanto não estatais para influenciar as relações internacionais. Através dessa abordagem, é possível elaborar diferentes cenários, com desproporcionais influências dos elementos identificados de maneira quantitativa.

O dinheiro exerce seu papel crucial para manter a organização global, funcionando através da exploração, enquanto parte do mundo busca emancipação (Habermas, 1981). Embora a teoria crítica se concentre em aspectos políticos e sociais, também aborda questões econômicas, baseando-se nos estudos de Marx e criticando o capitalismo. Marcuse (1982) analisa como o modo de vida capitalista influencia a emancipação e a liberdade, moldando os âmbitos econômico, social, político, cultural, científico e tecnológico, além de afetar a subjetividade através da produção do desejo inconsciente. Ele observa que o capitalismo não só avança em várias esferas da vida, mas também molda a subjetividade humana, impactando a forma como os desejos e comportamentos são moldados pelo sistema econômico. Como Barry Eichengreen em seu livro, analisou o papel do dólar como moeda dominante no sistema monetário internacional e como isso confere poder aos Estados Unidos (2010), reforçando a moeda como um condão das ri. Contudo, como o sistema sofre influências constantes, é preciso relacionar estes estudos realizados em décadas, até séculos diferentes, com os eventos atuais, através da observação e conexão congruente dos elementos para a proposição de cenários. Assim, o método intuitivo lógico, como discutido por Pierre Wack, enfatiza a importância da intuição e do raciocínio lógico na análise de tendências futuras e no desenvolvimento de cenários plausíveis. Wack (1985) argumenta que a intuição, quando combinada com uma análise cuidadosa dos dados disponíveis, pode fornecer insights valiosos sobre como eventos e variáveis podem interagir e evoluir ao longo do tempo. Esses dados, para este estudo, foram colhidos predominantemente através da observação dos eventos, como as crises, políticas fiscais e monetárias adotadas e nos acordos internacionais, não excluindo os discursos das autoridades de instituições internacionais, como os bancos de desenvolvimento e de governo, como os ministérios de relações exteriores e fazenda.

Além disso, no contexto de cenários, a matriz é uma ferramenta analítica fundamental que permite a visualização e a avaliação de diferentes futuros possíveis com base em variáveis-chave. Geralmente, a matriz é construída com dois eixos principais que representam as dimensões fundamentais do problema ou fenômeno em análise. Por exemplo, neste estudo sobre o futuro da globalização e do status quo, esses eixos podem representar a intensidade da globalização (reforçada ou enfraquecida) e a estabilidade do status quo (questionado ou estabelecido), pontos que serão desenvolvidos no próximo capítulo. Desse modo, cada célula da matriz representa uma combinação específica dessas dimensões, gerando uma variedade de 4 cenários distintos que capturam diferentes possibilidades futuras. A matriz é então preenchida com informações e insights relevantes para cada cenário, permitindo uma análise detalhada das implicações de

cada alternativa. Essa abordagem sistemática e estruturada é essencial para entender as complexas interações entre diferentes variáveis e antecipar possíveis desdobramentos futuros (Heijden, 2005). Esse método permite explorar futuros possíveis de forma sistemática e estruturada, e é amplamente utilizado em contextos como empresas, políticas públicas e relações internacionais. Com a definição das variáveis-chave e elementos influentes no sistema internacional atual, o próximo passo é detalhar e analisar os cenários em profundidade no capítulo de desenvolvimento. Esses cenários fornecerão insights valiosos sobre as possíveis trajetórias futuras das relações internacionais, oferecendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas globais em jogo.

Para a construção desta ferramenta o primeiro passo a identificação das variáveis práticas do sistema, é analisado o contexto atual através da lente crítica, que elucida o funcionamento das relações entre os Estados. O poder e a influência das principais potências mundiais, como os Estados Unidos, União Europeia, incluindo o Reino Unido, China e demais países em desenvolvimento como o Brasil, Índia e alguns africanos mais influentes como a África do Sul, exercem uma forte influência na manutenção ou na mudança do status quo global. Suas políticas, alianças e estratégias geopolíticas desempenham um papel significativo na estabilidade ou na instabilidade do sistema internacional. Pode-se perceber que os Estados Unidos mantêm uma série de alianças estratégicas, como a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e acordos bilaterais de segurança com países ao redor do mundo. Além disso, políticas como o "Pivot para a Ásia" e o "America First" têm influenciado a forma como os Estados Unidos abordam questões de segurança, comércio e política externa. Ambas políticas refletem a abordagem da política externa americana que moldaram significativamente sua relação com a Ásia e o restante do mundo. Ao compreender essas políticas e seus efeitos, é possível contextualizar melhor a dinâmica das relações internacionais contemporâneas e suas ramificações para os países ao redor do mundo. Seguindo a análise da mesma variável "poder", é possível compreender a atuação da União Europeia (incluindo o Reino Unido) como uma importante força política e econômica global, com pautas que abrangem desde a integração econômica e a cooperação em segurança até a promoção dos direitos humanos e da democracia sob suas próprias perspectivas, mantendo uma relação estreita com as pautas norte-americanas, em questões de segurança e defesa, por exemplo. Incluindo a participação em operações conjuntas da OTAN, o compartilhamento de inteligência e a cooperação em estratégias de combate ao terrorismo, que em vez de promover a segurança coletiva e a estabilidade, muitas vezes serve como um instrumento para a projeção de poder dos Estados Unidos e a defesa de interesses estratégicos, mantendo assim um sistema internacional que beneficia as potências dominantes (Bacevich, 2005).

Por outro lado, há fortes atores que unidos podem enfrentar esse jogo marcado, considerados como relevantes na cadeia internacional do comércio. A China tem buscado expandir sua influência global como uma maneira de enfrentar o que percebe como um jogo marcado dos Estados Unidos e da União Europeia, especialmente no contexto econômico e geopolítico global. Uma das principais iniciativas chinesas nesse sentido é a Iniciativa do Cinturão e Rota (*Belt and Road Initiative* - BRI), que visa promover a conectividade econômica e infraestrutural em todo o mundo. Através da BRI, ela busca criar uma rede abrangente de rotas terrestres e marítimas que conectem a Ásia, a Europa, a África e além, facilitando o

comércio, os investimentos e a cooperação econômica em larga escala. Ao investir em projetos de infraestrutura em países ao redor do mundo, a China está ampliando sua influência e fortalecendo seus laços econômicos com outras nações, reduzindo sua dependência de mercados tradicionais liderados pelos Estados Unidos e pela União Europeia. Desse modo, o desenvolvimento econômico da China, juntamente com suas iniciativas de cooperação internacional, como a BRI, representa uma forma de emancipação dos países em desenvolvimento das antigas estruturas de poder global dominadas pelo Ocidente (Huang, 2008). Ela também tem formado alianças regionais e foros de cooperação para promover seus interesses e desafiar a ordem geopolítica dominada pelos Estados Unidos e pela União Europeia. Por exemplo, a Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC) é um fórum regional onde a China desempenha um papel proeminente na promoção da cooperação econômica e na formulação de políticas que beneficiem os países da região. Além disso, o Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) é outro exemplo de como a China está fortalecendo suas relações com países em desenvolvimento, especialmente na África, através de parcerias econômicas e investimentos em infraestrutura e desenvolvimento. Essas iniciativas demonstram sua determinação em criar alternativas à ordem internacional, ao mesmo tempo em que busca expandir sua influência e garantir seus interesses econômicos em escala global. Ao se envolver ativamente em projetos de infraestrutura, cooperação regional e parcerias estratégicas, está moldando ativamente o cenário geopolítico e econômico global e desafiando a primazia tradicional dos atores ocidentais. Além dos chineses, os brasileiros e indianos têm buscado consolidar sua posição como potências regionais e globais, participando ativamente de fóruns multilaterais como o G20 e fortalecendo laços bilaterais com outros países em desenvolvimento, defendendo uma maior representação no sistema internacional e uma reforma das instituições globais. Complementando o cerco, a África do Sul desempenha um papel proeminente na diplomacia africana e mundial, representando os interesses do continente em fóruns como a União Africana e o BRICS. O país busca promover a integração regional na África Austral e defender uma maior voz para os países africanos nas questões globais.

Bem como várias vezes mencionadas, as instituições fazem parte dessa variável de poder, consolidando-se como uma ferramenta dual, visto que podem reforçar o domínio dos países hegemônicos ou serem peças chave na emancipação dos emergentes. Por um lado, instituições como a União Europeia (UE) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) são exemplos de instituições mencionadas que têm contribuído para a manutenção do status quo, promovendo a cooperação econômica e de segurança entre os países membros, muitos dos quais são potências hegemônicas que em suma as controlam. A Organização Mundial do Comércio (OMC), criada em 1995, é outra instituição que desempenha um papel significativo na manutenção do status quo, estabelecendo regras e normas para o comércio internacional e resolvendo disputas entre os países membros. Por outro lado, instituições como o original BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), a Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC), o Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) e a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) são exemplos de iniciativas que promovem a emancipação dos países emergentes. Essas instituições buscam fortalecer a cooperação Sul-Sul, promover o desenvolvimento econômico e a integração regional, e desafiar a hegemonia das potências ocidentais no sistema internacional. Portanto, as instituições

internacionais desempenham um papel fundamental na determinação da distribuição de poder e influência no cenário mundial, e sua evolução ao longo do tempo reflete as mudanças nas dinâmicas de poder global. Reforçados também por normas e regimes internacionais estabelecidos ao longo do tempo, que desempenham um papel importante na manutenção do status quo.

Nesta importante etapa, outra variável de válida análise é a diplomacia coercitiva, que é exercida através de ferramentas de coerção econômicas e técnicas financeiras, emergindo como um assunto de significativa relevância e interesse acadêmico, a compreensão deste fenômeno é enriquecida pela contribuição de diversos autores cujas obras lançam luz sobre suas dinâmicas e implicações. Alexander George, em sua obra seminal "Forceful Persuasion: Coercive Diplomacy as an Alternative to War" (1991), oferece uma análise abrangente das estratégias e práticas da diplomacia coercitiva, destacando sua eficácia como uma alternativa viável à guerra. Isso talvez explicaria os últimos anos em que vivemos sem uma grande guerra global, que envolvesse muitos atores e dividisse em grande parte o mundo ao meio. Sendo assim, o papel da coerção econômica dentro de uma estratégia global mais ampla, enfatiza sua utilidade na promoção dos interesses nacionais dos Estados Unidos, com sua agenda coercitiva, por meio de instrumentos como sanções econômicas, embargos comerciais e manipulação financeira, como elaborou Robert J. Art, em "*A Grand Strategy for America*" (2003).

Já a emancipação, que não se restringe apenas à transformação das estruturas de poder existentes, mas também implica uma mudança nas ideias e identidades que sustentam essas estruturas, vai além de questões materiais, se tornando algo de poder subjetivo, que atua nas instituições e regras criadas (Wendt, 1999). No entanto, como ressaltado por Ashley (1988), a busca pela emancipação enfrenta resistência por parte das estruturas dominantes de poder, que tendem a marginalizar e silenciar vozes dissidentes com um interesse direto em manter o status quo e preservar suas posições privilegiadas na ordem internacional, marginalizando e silenciando vozes que desafiam sua autoridade e questionam as injustiças subjacentes à ordem estabelecida. Segundo Foucault (1978), as relações de poder são reproduzidas e reforçadas por meio de discursos e práticas que moldam a percepção da realidade e restringem as possibilidades de ação emancipatória. Portanto, a emancipação requer uma análise crítica das ideologias e narrativas dominantes que perpetuam a dominação e a opressão, sendo que também utilizam de recursos que criam imagens de acordo com seus interesses. Essa construção de narrativas pode ser percebida no orientalismo, como uma forma em que o Oriente foi representado e imaginado pelo Ocidente ao longo da história.

Partindo para outras variáveis, podemos perceber que os avanços na tecnologia da informação e comunicação (TIC) têm sido um dos principais impulsionadores da globalização, facilitando a interconexão entre pessoas, empresas e governos em todo o mundo (Castells, 1996). A rápida disseminação da internet, das redes sociais e das tecnologias móveis têm transformado radicalmente a natureza e o alcance da globalização. A evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tem facilitado significativamente o comércio internacional e os negócios globais, criando novas oportunidades para empresas expandirem suas operações além das fronteiras nacionais. Plataformas de comércio eletrônico como Amazon, Alibaba e eBay conectam compradores e vendedores globalmente, tornando as transações comerciais mais fáceis e eficientes, o que impulsiona o crescimento do comércio internacional e promove a integração econômica entre

países. Além disso, elas têm promovido a mobilidade global ao permitir comunicação instantânea entre pessoas de diferentes partes do mundo, através de aplicativos de mensagens, redes sociais e plataformas de videoconferência, aumentando a conectividade global. As TICs também desempenham um papel crucial na educação global, oferecendo acesso a plataformas de ensino online, cursos de e-learning e recursos educacionais digitais, o que permite que estudantes e profissionais de qualquer lugar do mundo acessem conteúdo educacional de alta qualidade e participem de oportunidades de aprendizado colaborativo. Portanto, os avanços nas TICs têm sido catalisadores poderosos da globalização, promovendo maior interconexão entre países e regiões, e transformando o mundo em um ambiente cada vez mais interligado através da comunicação global, do comércio internacional, da mobilidade humana e da educação global.

A globalização se sustenta fortemente na integração econômica, que inclui comércio internacional, investimento estrangeiro direto (IED) e cadeias de suprimentos globais (Pogge, 2008). Acordos comerciais, como a União Europeia e o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), promovem a livre circulação de bens, serviços e capitais, o que impulsiona a interdependência econômica global. Esses acordos também possibilitam a atuação de instituições organizadas por países emergentes que buscam maior independência das estruturas dominadas pelas potências hegemônicas. Tal integração permite que países emergentes acessem mercados internacionais mais amplos, oferecendo novas oportunidades de exportação e aumentando sua competitividade global (Giddens, 1990). Além disso, a integração econômica pode atrair IEDs, contribuindo para o desenvolvimento de infraestrutura, criação de empregos e transferência de tecnologia. A cooperação regional, muitas vezes promovida por acordos e blocos regionais, permite que os países emergentes unam forças para promover interesses comuns e enfrentar desafios compartilhados. Outro benefício significativo é a redução da dependência de setores específicos ou mercados externos, o que fortalece a resiliência econômica desses países e as instituições regionais. No geral, a integração econômica impulsionada pela globalização oferece aos países emergentes oportunidades significativas para alcançar maior autonomia e influência no cenário mundial, possibilitando o avanço em direção a um desenvolvimento sustentável e inclusivo, reduzindo assim as disparidades de poder e promovendo uma ordem internacional mais equitativa (Hirst e Thompson, 1996).

Além da maior liberdade de fluxos financeiros e tecnológicos, a redução das fronteiras também promove o aumento da mobilidade, outra ferramenta do desenvolvimento de diferentes nações e menor concentração de inteligências, desde que os países em desenvolvimento promovam um ambiente fértil para o empreendedorismo e pesquisas.

Como pontos de conexão destas diferentes variáveis, é perceptível que dois temas a todo momento são elencados: status quo e globalização, sendo que o enfraquecimento ou fortalecimento de cada um deles podem gerar diferentes cenários para a próxima década e por isso foram elencados como os eixos da matriz.

Na análise crítica do status quo no contexto internacional pode-se entender como as estruturas de poder são mantidas, contestadas ou transformadas ao longo do tempo. André Gunder Frank, em seu trabalho "A Teoria da Dependência" (1966), argumenta que o status quo é sustentado pela dependência econômica dos países em desenvolvimento em relação aos países desenvolvidos,

perpetuando assim a desigualdade global. Desse modo, a consolidação do status quo no contexto internacional pode resultar na exploração e opressão de países coloniais e periféricos pelas potências capitalistas dominantes. No entanto, é importante ressaltar que a resistência e a luta por justiça e igualdade por parte dos países periféricos e seus cidadãos podem desafiar e eventualmente minar essa consolidação do status quo, abrindo espaço para mudanças significativas no sistema internacional, nesse raciocínio temos a elaboração de uma nova perspectiva para o mundo. Desse modo, a divisão injusta do trabalho é um dos mecanismos que contribuem para manter o status quo no contexto internacional, que ocorre quando os países mais desenvolvidos ou dominantes se especializam em setores de alta tecnologia e alto valor agregado, enquanto os países menos desenvolvidos ou periféricos são relegados a setores de baixa tecnologia e baixo valor agregado.

Como outro tema identificado, a globalização emerge como um eixo fundamental na elaboração dos cenários, sendo um fenômeno multifacetado que tem sido tanto uma força impulsionadora da integração econômica e cultural quanto uma fonte de desigualdade e desafios para muitos países periféricos. Portanto, entender como a globalização pode moldar o futuro do sistema financeiro global é essencial para uma análise abrangente e informada, seja através do seu fortalecimento ou desuso. Por um lado, a continuação da globalização econômica pode fortalecer as estruturas de poder existentes, favorecendo as potências dominantes e perpetuando desigualdades globais e por outro, a emergência de movimentos de resistência e alternativas regionais pode desafiar o status quo e promover uma maior autonomia e participação dos países periféricos no sistema financeiro global, como explicado através da Teoria da Dependência (Cardoso, 1970), que destaca a importância da integração regional dos países periféricos como um meio de romper com o status quo internacional e promover o desenvolvimento autônomo. Assim sendo, a integração regional emerge como uma estratégia potencialmente poderosa para fazer frente à dominação dos países dominantes no sistema internacional, que diante das assimetrias de poder e das desigualdades estruturais que caracterizam as relações internacionais, os países periféricos muitas vezes se veem em desvantagem, enfrentando obstáculos significativos para competir em pé de igualdade com as potências hegemônicas.

Tendo este panorama como base, e entendendo ser fundamental reconhecer que a emancipação não é um processo linear ou homogêneo, mas sim multifacetado e contestado, permeado por contradições e ambiguidades (Enloe 2000), que é possível imaginar como se dará a posição dos países emergentes que há décadas vem sendo fustigados pelo domínio centralizador das potências, em uma análise que requer uma abordagem sensível às complexidades do poder, da identidade e da resistência, (Neumann e Leira, 2015). E na elaboração dos possíveis cenários, identificar as "variáveis" ou "drivers", que são componentes-chave que moldam as possíveis trajetórias futuras em um determinado contexto, podendo incluir uma ampla gama de aspectos, como eventos históricos, tendências sociais, econômicas e políticas, mudanças tecnológicas, fatores ambientais, entre outros, é fundamental. A identificação destes elementos são fundamentais para a construção de cenários robustos e plausíveis, que permitem explorar diferentes possibilidades de futuro e tomar decisões estratégicas informadas, (Schwartz, 1991). Pois os Estados somente conseguirão alcançar seus objetivos através de contínuas negociações e lutas por justiça e igualdade, seja

através da coalizão na formação de instituições ou no enfrentamento das ações coercitivas implementadas pelos que objetivam a manutenção do contexto atual (Keohane e Nye, 1977).

Esses períodos de aparente tranquilidade e estabilidade, em que vivemos desde a Segunda Grande Guerra findada em 1945, não são necessariamente indicativos de uma verdadeira paz, mas sim de uma forma particular de dominação e manutenção do status quo por parte das potências dominantes. Assim, a chamada "paz" muitas vezes mascara relações de poder desiguais, injustiças estruturais e formas sutis de opressão que perpetuam a ordem estabelecida. Essas estruturas de poder se escondem por trás de discursos de ordem e segurança, perpetuando formas de opressão e controle social que são disfarçadas sob o pretexto de manter a paz e a estabilidade social (Cox, 1981). Questionando assim a noção convencional de paz como ausência de conflito e o que incentiva uma análise mais profunda das relações de poder e das condições estruturais que moldam a dinâmica global, visando uma verdadeira transformação das relações internacionais (Said, 1978). Eventos recentes, como a Primavera Árabe a partir de 2010, o Conflito na região do Cáucaso, incluindo a disputa entre a Geórgia e a Ossétia do Sul em 2008, a instabilidade contínua na Chechênia e no Daguestão, e a crise recorrente dos refugiados na Europa devido a conflitos em países como Síria, Afeganistão e Sudão, junto com a pobreza e a instabilidade em outras regiões, demonstram que a paz dos últimos 80 anos pode ser uma narrativa enviesada. Essa paz esconde tensões étnicas e políticas profundas, injustiças sociais e desigualdades econômicas persistentes. Os países mais recentemente descolonizados, frequentemente, estão mais distantes em termos de desenvolvimento tecnológico e financeiro em comparação com as nações que hoje dominam as pautas internacionais. Estes países enfrentam corrupção sistemática, falta de oportunidades econômicas e desigualdade de renda, evidenciando tensões sociais subjacentes e a complexidade das realidades econômicas e políticas globais.

A análise dos eixos status quo e globalização revela que cada um deles pode ser reforçado ou enfraquecido, levando a diferentes combinações de poder e influência no cenário internacional. Esta variação resulta em quatro cenários distintos, cada um com suas próprias implicações para o sistema monetário global e as relações internacionais. A seguir, os mesmos são apresentados e mais detalhadamente dois desses cenários principais: um onde o status quo é fortalecido e a globalização enfraquecida, e outro onde o status quo é enfraquecido e a globalização fortalecida. Esses cenários proporcionarão uma compreensão aprofundada das possíveis evoluções e seus impactos nas dinâmicas globais.

- **1 status-quo reforçado e globalização enfraquecida:** sendo o status quo fortalecido enquanto a globalização é enfraquecida, pode ocorrer se houver um retrocesso no processo de integração econômica e na abertura dos mercados globais, resultando em uma maior fragmentação e protecionismo. As potências hegemônicas podem reforçar seu controle sobre as instituições internacionais, enquanto os fluxos de informação e tecnologia são mais restritos, levando a uma polarização cultural e social.
- **2 status-quo reforçado e globalização reforçada:** neste cenário, tanto o status quo quanto a globalização são reforçados. Isso pode resultar em uma maior concentração de poder nas mãos das potências dominantes, com as instituições internacionais existentes mantendo sua relevância. A

globalização econômica pode se intensificar, aumentando a interdependência entre os países, enquanto a disseminação da informação e tecnologia fortalece as conexões culturais e sociais.

●**3 status-quo enfraquecido e globalização enfraquecida:** tanto o status quo quanto a globalização são enfraquecidos, podendo resultar de crises políticas, econômicas ou ambientais que minam a estabilidade das instituições internacionais e a interconexão global. Pode haver um aumento do nacionalismo e do isolacionismo, com uma redução dos fluxos de comércio, investimento e informação entre os países. Esse cenário pode ser marcado por um aumento das tensões geopolíticas e uma maior fragmentação do sistema internacional.

●**4 status-quo enfraquecido e globalização reforçada:** neste cenário, o status quo é enfraquecido enquanto a globalização é fortalecida, podendo ocorrer uma desestruturação das instituições internacionais existentes e uma redistribuição de poder, com uma maior autonomia e participação dos países periféricos no sistema internacional. A globalização econômica pode se intensificar, com um aumento do comércio e investimento transfronteiriços, enquanto a conectividade cultural e social se expande, promovendo uma maior diversidade e intercâmbio.

A escolha de focar em dois cenários opostos — um com o fortalecimento do status quo e enfraquecimento da globalização, e outro com o enfraquecimento do status quo e fortalecimento da globalização — visa proporcionar uma análise mais abrangente e detalhada dos futuros possíveis do sistema financeiro global. Selecionar esses cenários contrastantes permite uma avaliação mais completa das possíveis direções do sistema internacional nos próximos 10 anos, possibilitando um estudo mais profundo das implicações, desafios e oportunidades associadas a cada cenário. Concentrar-se em dois cenários opostos é uma prática comum na análise de cenários, pois ajuda a explorar uma ampla gama de possibilidades e capturar os extremos do espectro de futuros potenciais.

O cenário 2, denominado "Fortaleza Barroca" representa uma visão do sistema financeiro global onde as potências tradicionais mantêm rigidamente o status quo, refletindo a dualidade e o contraste do Barroco brasileiro. Neste cenário, potências como os Estados Unidos e a União Europeia defendem suas posições de poder com vigor, mantendo controle sobre as instituições financeiras e normas econômicas internacionais, mesmo em um contexto de globalização enfraquecida. A manutenção do status quo é visível na defesa das moedas tradicionais, como o dólar e o euro, que são símbolos de estabilidade e segurança em tempos de crise econômica. Bancos centrais dessas potências, como o Federal Reserve e o Banco Central Europeu, orquestram pacotes de estímulo e políticas monetárias para estabilizar suas economias, enquanto o FMI e o Banco Mundial moldam políticas que perpetuam a supremacia dessas potências. O controle econômico das potências tradicionais se estende às normas e regulamentos internacionais, beneficiando principalmente os países desenvolvidos e impondo desafios adicionais aos países emergentes, que frequentemente se veem forçados a aceitar empréstimos e pacotes de ajuda sob condições desfavoráveis. Essas potências dominantes mantêm sua posição através de uma combinação de políticas econômicas, controle de recursos e influência sobre as principais instituições financeiras. No cenário "Fortaleza Barroca", as potências tradicionais se destacam pela opulência e estabilidade, enquanto os países emergentes enfrentam

dificuldades para competir e se desenvolver. A fragmentação do mercado global e as tensões regionais são comuns, com disputas comerciais e políticas protecionistas predominando. As potências dominantes preferem acordos bilaterais e controle direto, refletindo a dualidade do Barroco, onde o velho (status quo) resiste ao novo (emergência de novos atores globais). A moeda padrão, o dólar, desempenha um papel crucial na manutenção do status quo, simbolizando estabilidade e controle. A predominância do dólar nas transações comerciais e financeiras globais confere aos Estados Unidos um poder significativo sobre o comércio internacional e a política econômica global, além de permitir a imposição de sanções econômicas. Em resumo, o "Fortaleza Barroca" é um cenário de intensa competição e controle, onde as potências tradicionais mantêm uma ordem global rigorosa e manipulam crises para reforçar sua supremacia, enquanto os países emergentes lutam para ganhar relevância e estabilidade em um sistema econômico global fragmentado e desafiador.

O cenário 4 é identificado como "Renascimento Modernista" o termo "Renascimento" evoca uma era de revitalização e renovação, enquanto "Modernista" sugere uma ruptura com as formas tradicionais e uma busca por novas expressões e ideias. Nele o mundo se transforma profundamente à medida que os países emergentes ganham poder e desafiam o status quo estabelecido pelas potências tradicionais. Esta mudança é marcada por uma revitalização econômica e um fortalecimento da globalização, com novos atores e dinâmicas emergindo para substituir as estruturas tradicionais de poder. Os países emergentes, anteriormente marginalizados, se organizam em coalizões regionais poderosas que abrem novas oportunidades e desafiam as potências hegemônicas. A criação de instituições regionais eficientes permite que esses países promovam o desenvolvimento interno e implementem políticas econômicas que refletem seus próprios interesses, em vez de depender das diretrizes impostas pelos dominantes. A moeda tradicionalmente dominante, o dólar, perde seu status exclusivo à medida que moedas regionais, como o yuan chinês, o real brasileiro e o rand sul-africano, se destacam. Essas moedas passam a desempenhar papéis significativos no comércio e nos investimentos internacionais, refletindo a crescente influência econômica dos países emergentes e promovendo uma maior estabilidade financeira dentro das regiões. A descentralização e a digitalização dos sistemas financeiros são cruciais para a emancipação das formas tradicionais e para a redução da dependência do dólar. A digitalização das finanças permite a realização rápida de transações e contratos em tempo real, simplificando processos e reduzindo barreiras para a entrada no mercado global. Isso dá maior liberdade para os países emergentes e suas economias diversificadas explorarem novas moedas e formas de pagamento, promovendo maior autonomia econômica e reduzindo a vulnerabilidade às flutuações do mercado cambial. Com o enfraquecimento das potências tradicionais e o fracasso das instituições internacionais anteriores em atender às necessidades dos países em desenvolvimento, novas alianças e coalizões regionais ganham força. Estes novos agrupamentos promovem a cooperação econômica e o desenvolvimento sustentável de maneira mais equitativa. Os Estados Unidos e a União Europeia, com suas crises internas e disputas políticas, perdem influência e enfrentam dificuldades para manter a ordem global. O avanço tecnológico e a descentralização das cadeias de produção permitem que os países emergentes desempenhem papéis mais proeminentes em setores como tecnologia, transporte, energia e finanças. Empresas multinacionais desses países desafiam o domínio das

potências tradicionais. O Brasil, por exemplo, se destaca ao utilizar seu potencial ambiental para gerar créditos de carbono, impulsionando sua economia e promovendo práticas sustentáveis. A crescente população dos países emergentes não só contribui para o desenvolvimento econômico, mas também para a disseminação de suas culturas e influências globais. A diáspora e a migração estabelecem laços transnacionais que levam tradições, línguas e práticas culturais além das fronteiras. O advento da internet e das redes sociais amplifica ainda mais essa troca cultural, promovendo uma maior compreensão e apreciação das diversas perspectivas culturais e ajudando a consolidar o fenômeno da globalização como uma força inegável. O cenário "Renascimento Modernista" representa uma transformação global significativa, onde a ascensão dos países emergentes e a descentralização do poder econômico e financeiro desafiam a ordem estabelecida. Embora essa transição traga novas oportunidades e maior diversidade no cenário global, também cria rivalidades e tensões regionais. A competição por influência e recursos pode gerar conflitos, refletindo a complexidade e a dinâmica em constante evolução do novo panorama global.

Por fim, a análise final deste estudo enfatiza a importância de compreender as dinâmicas globais e suas complexas interações econômicas, políticas e sociais. Utilizando uma abordagem teórica crítica, que questiona as estruturas de poder existentes, o estudo combina essa teoria com a metodologia de cenários para explorar futuros possíveis do sistema financeiro global. O método intuitivo lógico foi crucial para identificar temas e construir a matriz de cenários, proporcionando uma análise detalhada das interações entre globalização e status quo. A combinação de intuição e lógica permitiu a criação de cenários dinâmicos que refletem tanto flutuações de curto prazo quanto tendências de longo prazo. Vale ressaltar que a pesquisa foi limitada por questões de tempo e formato, focando mais em aspectos subjetivos e teóricos do que em análises quantitativas. Apesar dessas limitações, o estudo oferece uma base sólida para futuras pesquisas e formulação de políticas, contribuindo para a compreensão das complexas relações de poder e das possíveis direções para um sistema internacional em transformação.

## **Bibliografia**

1. ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1944.
2. ADORNO, T. *Minima Moralia: Reflections from Damaged Life*. London: Verso, 1947.
3. ANDRÉ GUNDE FRANK. *A Teoria da Dependência*. 1966.
4. ART, R. J. *A Grand Strategy for America*. Ithaca: Cornell University Press, 2003.
5. ASHLEY, R. K. Untying the Sovereign State: A Double Reading of the Anarchy Problematique. *Millennium: Journal of International Studies*, v. 17, n. 2, p. 227-262, 1988.
6. BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
7. BACEVICH, A. J. *The New American Militarism: How Americans Are Seduced by War*. New York: Oxford University Press, 2005.
8. CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
9. CASTELLS, M. *The Rise of the Network Society*. Malden: Blackwell, 1996.
10. COX, R. W. *Production, Power, and World Order: Social Forces in the Making of History*. New York: Columbia University Press, 1987.
11. COX, R. W. *Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory*. *Millennium: Journal of International Studies*, v. 10, n. 2, p. 126-155, 1981.
12. ENLOE, C. *Maneuvers: The International Politics of Militarizing Women's Lives*. Berkeley: University of California Press, 2000.
13. FREUD, S. *Beyond the Pleasure Principle*. New York: Norton, 1920.
14. GIDENS, A. *The Consequences of Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 1990.
15. HABERMAS, J. *The Philosophical Discourse of Modernity: Twelve Lectures*. Cambridge: MIT Press, 1981.
16. HABERMAS, J. *The Theory of Communicative Action*. Boston: Beacon Press, 1984.
17. HARVEY, D. *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
18. HEIJDEN, K. van der. *Scenarios: The Art of Strategic Conversation*. Chichester: Wiley, 2005.
19. HIRST, P.; THOMPSON, G. *Globalization in Question: The International Economy and the Possibilities of Governance*. Cambridge: Polity Press, 1996.
20. HUANG, Y. *Capitalism with Chinese Characteristics: Entrepreneurship and the State*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
21. KEOHANE, R. O.; NYE, J. S. *Power and Interdependence: World Politics in Transition*. Boston: Little, Brown and Company, 1977.
22. LAGARDE, C. *Central Banking and Fintech—A Brave New World*. International Monetary Fund, 2019.
23. MACURSE, H. *Eros and Civilization: A Philosophical Inquiry into Freud*. Boston: Beacon Press, 1982.
24. MACURSE, H. *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*. Boston: Beacon Press, 1964.
25. MARX, K. *The Communist Manifesto*. London: Penguin, 1848.
26. MARX, K. *Capital: A Critique of Political Economy*. 1853.

27. NEUMANN, I. B.; LEIRA, H. *Diplomacy and the Making of World Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
28. NYE, J. S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs, 2004.
29. POGGE, T. *World Poverty and Human Rights*. Cambridge: Polity Press, 2008.
30. SCHWARTZ, P. *The Art of the Long View: Planning for the Future in an Uncertain World*. New York: Doubleday, 1996.
31. STALLINGS, B. *Global Change, Regional Response: The New International Context of Development*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
32. STREECK, W. *How Will Capitalism End? Essays on a Failing System*. London: Verso, 2016.
33. WALLERSTEIN, I. *The Modern World-System*. New York: Academic Press, 1974.
34. WACK, P. *The Unfinished Agenda of the Future*. *Harvard Business Review*, 1985.
35. WENDT, A. *Social Theory of International Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.